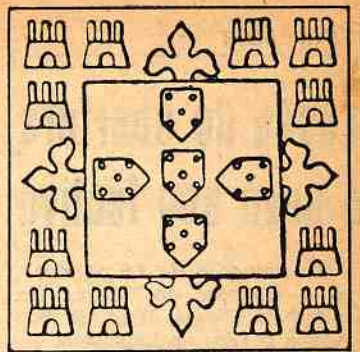
MOCIDADE PORTUGUESA! PRESENTE!

«Todos não somos de mais para continuar Portugal»
SALAZAR

Em Aljubarrota ficou definida e assegurada a independência de Portugal no quadro dos Estados Peninsulares. A sua missão no mundo, como Nação civilizadora de continentes e povos, ia começar.

Por isso, Nuno Álvares não é só o Campeão da Pátria em perigo; é ainda, e sobretudo, o garante da sua projecção universal.

No estado talhado pelo montante dos primeiros Afonsos principia a pulsar o sentimento da Nação, que, consciente dos seus direitos perante Castela e dos seus deveres para com Deus, definiu claramente os primeiros para se entregar de todo o coração aos segundos.

Nuno Álvares, como herói e santo é a ligação entre o mundo que acabava e a nova era a que a dinastia de Avis ia dar magnífico início.

Vemo-lo nas Campanhas da independência, na defesa do torrão natal e, em Ceuta, na primeira arrancada da Cruzada Portuguesa.

Ao lembrarmos esta grande figura de Português, temos, sobretudo, que aproveitar a sua lição — é essa a melhor homenagem que podemos prestar à sua memória, sempre tão viva em nossos corações.

Poucos como ele souberam servir e dar-se totalmente a tão nobre ideal — servindo a Pátria e o Rei, nos campos de batalha, a Deus e aos homens, quando, pleno de vitalidade ainda, trocou o seu título de Condestável pelo modesto nome de Frei Nuno de Santa Maria.

Passados são seiscentos anos, e a Pátria, que tão heróica e devotadamente serviu, necessita, como então, de quem a defenda e sublime.

É esta a missão que acima de tudo deve apaixonar a Mocidade Portuguesa. Que os rapazes e raparigas de hoje tomem consciência da hora que passa, dos perigos que nos ameaçam, do sacrifício que nos pode ser pedido.

Eu acredito na juventude portuguesa — na de hoje e na de sempre — na sua abnegação, na sua coragem, no seu patriotismo. Ela saberá, em qualquer parte do território nacional, lutar e vencer, enriquecendo com os seus feitos a nossa História gloriosa.

Mas, para que a vitória seja nossa, urge que não se descure nem esmoreça o sentimento da unidade nacional, o único capaz de nos dar a coesão necessária e que perante um ataque ou ofensivas inimigas nos levará à vitória.

E todos juntos, como diz Salazar, não seremos de mais para continuar Portugal. *L. C.*

NÃO SAÍMOS PARA QUE OS RUSSOS ENTREM

NÃO ABANDONAMOS AO SEU JUGO DE FERRO AQUELES QUE TEMOS TRATADO COMO FILHOS. — *Afirmou o Reitor do Liceu na Sessão de abertura do novo ano lectivo.*

No dia 1 de Outubro realizou-se no ginásio do Liceu a sessão solene da abertura do novo ano lectivo e a distribuição de prémios aos melhores alunos pelo seu aproveitamento e assiduidade.

«Chama» lastima não poder publicar na íntegra o oportuno discurso do Reitor do

(Continua na 2.ª página)

2

DIRECTOR LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO C. B. MANUEL DA SILVA ESTEVES
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
25 DE NOVEMBRO DE 1960
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Sessão de abertura do novo ano lectivo

(Continuação da 1.ª página)

Liceu e Director do Centro Dr. Abrantes da Cunha, lição de boa pedagogia e vero nacionalismo.

Limitamo-nos à transcrição de dois passos em que S. Ex.ª se refere expressamente à Mocidade Portuguesa e aos ataques promovidos pela Rússia e seus apaniguados contra a nossa Unidade Nacional na Assembleia Geral das Nações Unidas:

FINALIDADE DA M. P.

Problemas não menos instantes, por ventura de bem mais difícil solução, porque não dependem de dinheiro, são aqueles que, quotidianamente, nos assoberbam a nós, professores. É que não nos compete apenas ministrar a INSTRUÇÃO. Sobre nós impende o honrosíssimo mas delicadíssimo e tremendamente grave dever de uma educação perfeita, completa e integral de vossos filhos, minhas senhoras e meus senhores. Terrível dever, sobretudo na hora presente!

Sobre os nossos membros cai a augusta mas angustiosa responsabilidade de modelar o carácter de centenas, de milhares de jovens que passam pelas carteiras deste Liceu. Sabemos, é certo, com meridiana clareza, o objectivo a conseguir: formar, com a cultura, homens e mulheres na acepção integral e superior da palavra. Temos ainda a consciência de que para alcançar tal objectivo só há um meio: com as luzes da instrução, insuflar na alma da juventude o amor a Deus, à Pátria e à Família. Temos, é verdade, estas certezas, mas é preciso — e nisso reside a maior dificuldade desta ciência e arte da educação — a escolha dos meios que terão de ser diferentes e variados porque diferente e vária é a alma de cada um dos nossos alunos.

O Ministério da Educação Nacional pôs à nossa disposição, como adjuvante poderoso da consecução do objectivo em vista, uma organização cujo objectivo final e imediato é também aquele que nos propomos — A Mocidade Portuguesa. Dentro das insuperáveis limitações em que a falta de campos e de espaço coloca o Centro da Mocidade do Liceu, temos procurado realizar o que de melhor poderíamos esperar alcançar. Sofrem as actividades físicas e desportivas, mas temos procurado dar um desenvolvimento notável às actividades culturais, que têm permitido criar entre todos os rapazes um sentimento de camaradagem, de sacrifício e devoção pelos altos ideais que norteiam a M. P. Sinto-me contente por poder declarar pùblicamente que, graças à abnegação, entusiasmo, dedicação e sacrifício de alguns professores desta casa, o Centro da Mocidade do Liceu é alguma coisa que tem alma e vida.

Conheço bem os benefícios de toda a ordem — espirituais, morais, e, até, materiais que ele tem proporcionado aos nossos rapazes. Procurei que eles sentissem que a Mocidade eram eles mesmos. Quis fazer deles elementos activos da organização, conscientes dos seus deveres e responsabilidades, e parece-me tê-lo conseguido, pelo menos em parte. Por este motivo é que eu não desejaria que houvesse aqui, no Liceu, um só aluno que não pertencesse à Mocidade. É que hoje, como sempre, e talvez mais que nunca, é preciso desenvolver o espírito patriótico da juventude, sempre generosa de sentimentos nobres.

A mesa da presidência na sessão de abertura das aulas no liceu

A ACÇÃO PORTUGUESA NO MUNDO

A conjuntura internacional em que nos encontramos presentemente exige de todos os portugueses, especialmente dos jovens portugueses, uma alma sã, sem temer o ódio que algumas potências estrangeiras procuram semear entre nós. Só com homens, e nunca com «Bau-baus», se poderá vencer esta tremenda crise. É que foi com homens também que Portugal se fez e que se criou este formosíssimo mundo lusíada.

Ainda há bem pouco tempo na O.N.U., cuja tribuna devia servir apenas para a proclamação da verdade e para promover a paz e a concórdia entre a humanidade, uma voz desvairada se ergueu para lançar sobre nós calúnias de que só o ódio e a mentira, verdadeiramente maquiavélica, seriam capazes.

O maior país colonialista do mundo, mas colonialista no sentido mais pejorativo do termo, nos acusou, a nós, de dura opressão colonialista. Foi tal a desfaçatez e a impudência das calúnias ali propaladas, que nem sequer recuaram perante as maiores e mais evidentes contradições. Quis marcar-nos com o estigma da escravidão o único país que, na actualidade, conserva ainda enormes e numerosos campos de trabalhos forçados. Ele, sim, que está marcado com o ignominioso ferrete da escravatura, e da escravatura de brancos e civilizados, escravatura em assombrosa escala e organizada pelos próprios governantes. São eles, e não nós, que mandam cercar as fronteiras das suas colónias com barragens descomunais de arame farpado e de minas semeadas a esmo. Fomos até acusados — é de pasmar — de massacres em massa. Pode, porventura, quem de tal nos caluniou mostrar ao mundo as suas mãos limpas de sangue? Nós não esquecemos ainda o provocado e criminoso extermínio desse mártir exército de libertação polaco durante a última guerra. Está ainda muito recente essa tragédia de sangue em que a Hungria se viu mergulhada, e que fez nascer ondas de indignação por todo o mundo. Em todo o lado onde há crimes e violências, lutas e sangue, lá se encontra sempre a mesma potência, cujos imensos arsenais de guerra necessitam de inventar escoantes para a sua produção. Vimo-lo há bem pouco tempo ainda nessa África de cor, na recente nação do Congo. E vimos mais ainda. Bastou que um homem tivesse a coragem e a clarividência de expulsar os HUMANITÁRIOS enviados da Rússia e seus sequazes, para cessar a onda de violência e de sangue. Nós não temos que receber lições de humanidade. Há cinco séculos, pelo menos, que nós vimos dando ao mundo exemplos de tolerância, lições vivas do amor ao próximo, independentemente de cores, de raças e de religiões até. É que toda a expansão de Portugal se fez sob o signo da cruz. A todos os lugares onde chegou Portugal chegou a doutrina do Evangelho, que é a doutrina da mansidão e do amor. A doutrina de Cristo fez mártires e santos; a de Lenine apenas tem feito revolucionários e bombistas. Cristo, assassinado, pediu perdão para os seus assassinos; o comunismo pede o sangue e a violência.

Que fizemos durante quinhentos anos de domínio colonial, teve a audácia de perguntar o «Senhor de Todas as Rússias», revelando uma assombrosa ignorância da história do Mundo?

Mas fizemos uma formosa Nação — o Brasil —, que já hoje é, em si mesmo, um novo mundo e que, pleno de seiva e de energias, sob a orientação esclarecida e dinâmica do seu chefe audaz, há-de ser em breve uma nação condutora de povos. Mas povoámos dezenas de ilhas desérticas espalhadas pelos mares. Erguemos formosíssimas cidades em todos os continentes, desbravámos matas inacessíveis e abrimos caminhos através de regiões inóspitas. Levámos as luzes da civilização a milhões de seres, encurtámos o espaço e derrubámos as barreiras que se opunham à comunicação dos homens. E fizemo-lo com menos de meia dezena de milhões de habitantes do Portugal continental. Acha pouco? Mas que de parecido terá feito a Rússia com os seus inúmeros milhões de habitantes e com os seus inesgotáveis recursos?

Nós não dividimos, mas unimos. Não semeamos o ódio e a discórdia, mas o amor e a paz. Não levantamos barreiras à comunicação humana, mas abrimos caminhos que ponham em contacto os homens de vários continentes. Trouxemos para o seio da família lusitana milhões de seres desprotegidos da sorte e da fortuna. Hoje os habitantes de Angola, Guiné, Moçambique, India, Macau e Timor são tão portugueses como os habitantes do Minho ou do Algarve, da Beira, da Estremadura, do Alentejo ou de Trás-os-Montes. Por isso, não estamos dispostos a alienar uma só parcela do nosso território. Não saímos para que os russos entrem. Não abandonamos ao seu jugo de ferro aqueles que temos tratado como filhos.

D. Nuno Álvares Pereira

D. Nuno Álvares Pereira é uma das figuras de maior relevo da História de Portugal, pela sua coragem e benefícios que prestou à Nação.

Foi para Portugal o que Joana d'Arc foi para a França: o libertador da Nação, o guerreiro indomável, o chefe respeitado, o cristão fervoroso.

Toda a sua vida foi dedicada à Pátria e a Deus. À Pátria, na ocasião em que esta mais precisava dos seus esforços, sacrificou a sua juventude, a força do seu braço, o seu ardor juvenil.

Quando a viu salva e liberta dos invasores estrangeiros que, depois de heròicamente ter derrotado, ainda perseguiu em seu próprio território, recolheu-se a um convento, distribuiu os seus inúmeros bens pelos pobres, e ofereceu-se todo a Deus e à Virgem, renunciando à carreira que tão bem começara.

Que nobre exemplo de desinteresse pelas coisas do mundo e de amor pelas coisas eternas!

Este rapaz, que podia ter levado uma vida gloriosa e de esplendor, que podia alcançar o cume da glória e do poder, recolheu-se a um convento, por ele próprio fundado, como um simples monge. Este herói, que já era tão considerado, perdeu as glórias que podia alcançar ainda na terra, para se dedicar inteiramente ao serviço de Deus.

Foi com muita justiça que foi considerado o Padroeiro da Nação e que foi beatificado pelo Papa, em paga das suas virtudes.

Mocidade, tomai como exemplo o Grande Condestável e, quando algum dia a Pátria precisar de vós, segui o seu exemplo, dando-vos inteiramente.

Maria Manuela Tavares Moura e Silva

"CHAMA"

As gravuras do Infante D. Henrique e de Nuno Álvares, que ilustram os 1.º e 2.º números do nosso jornal, foram gentilmente cedidas pela Revista «Ciência» da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Aos senhores Alberto José Alves Nabinho, Director da Revista «Ciência» e João Eduardo C. Duarte, autor dos desenhos exprimimos o nosso vivo agradecimento.

PORTUGAL UNO

Como sabemos, Portugal é um velho país da Europa Ocidental que deu novos mundos ao Mundo. Ora Portugal tem um Estado próprio criado especialmente para impor as leis a que todos nós nos temos de submeter para bem da sociedade. O elemento fundamental do Estado, e que é absolutamente necessário para a sua existência, é a Soberania.

As características fundamentais da Soberania são as seguintes: é independente, é una e indivisível e é inalienável e imprescritível. Logo, Portugal também é independente, uno, indivisível, inalienável e imprescritível, embora muitas figuras internacionais, chefes de países anti-Portugal, não queiram aceitar essa realidade, ou melhor, embora saibam que assim é, não o querem reconhecer, para mais fàcilmente conseguirem os seus mal escondidos fins.

Estes são, em relação a nós, como todos sabemos, a quebra da nossa unidade, querendo a todo o custo a separação das províncias ultramarinas portuguesas da sua mãe Pátria. Mas estes fins que eles têm em vista são, quanto a mim, e penso que quanto a todos os Portugueses, quase impossíveis de realização.

E são-no porque, por um lado, os habitantes das nossas províncias ultramarinas são tão portugueses como nós, da Metrópole, com quem temos relações e com quem contactamos desde há cerca de cinco séculos, desde os Descobrimentos, por outro lado, todos os Portugueses, quer eles sejam da Metrópole quer sejam das nossas províncias de além-mar, não estão dispostos a deixar de viver sob a protecção da gloriosa Bandeira das Quinas e portanto a deixar de viver em paz como na realidade vivem, embora muitas figuras comunistas, sendo as principais o sr. Kruschev e o presidente de Ghana, tenham afirmado caluniosa-

(Continua na 6.ª página)

DESPORTOS E JUVENTUDE

Café, festas, bailes, cinemas, teatros e estádios — eis os locais onde actualmente encontrais a juventude.

Aos domingos, essa terrível doença da bola arrasta as populações, vicia-as, desorienta-as e leva-as a cometer as mais variadas e estúpidas tropelias, atitudes que levam a perder, a pouco e pouco, o amor pelo próximo, a perder a camaradagem que até há bem pouco se mantinha com alguém que fora amigo e que a diferença de cor clubista fez cair por terra.

Eis como uma amizade que durou anos a construir ruíu. Será isto educativo? E se tu, jovem, em vez de correres loucamente ao estádio com a bandeirola do teu clube em punho, te juntasses a alguns dos teus colegas para praticares qualquer modalidade desportiva? Se em vez de ires ver jogar futebol o fosses jogar tu? Se em vez de gozares a vitória do teu clube saboreasses a tua própria vitória? Se em vez de seres passivo fosses activo? Como te sentirias mais feliz!

Onde passas tu, juventude, as tuas tardes de ócio, as tuas noites de descanso, os teus momentos que deviam ser de estudo? No café, rodeado daqueles que julgas teus amigos, dando asas à tua imaginação criadora, planeando a tua conquista, inventando mil e uma coisas para matares o tempo nem que isso vá contra a tua consciência, contra a moral que tu pouco a pouco foste esquecendo! Em festas e bailes, divertindo-te a teu bel-prazer, a afogares o teu corpo em álcool, a esgotares as tuas forças, a escravizar o teu espírito, a manchares a tua alma. No teatro e no cinema, assistindo, por vezes, aos mais imorais espectáculos que arrastam os teus pensamentos e te fazem cair. Cais e não te levantas do charco, pois continuas sempre e sempre a procurar assistir àqueles espectáculos que estão classificados para adultos com reservas e até àqueles que são condenáveis. Quando assim procedes, preparas-te para a vida ou caminhas para a morte?

Não quero com isto dizer que não te divirtas; que te metas em casa a pensar, a cismar; que deixes de assistir ao teu cinema, à tua festa, ao teu desafio de futebol, mas que te vicies e não vejas outros e melhores divertimentos, mais educativos moral e fìsicamente, isso não! Se tens muito tempo livre, porque não procuras ter a tua hora de ginástica, no teu Liceu, no teu colégio, em tua casa ou em qualquer associação da juventude? Porque não apareces no teu Centro para praticares um pouco de voleibol, basquetebol, andebol, etc.? Porque não te interessas pelo campismo e não fazes os teus acampamentos quer como filiado da M. P. quer como simples jovem que ama a natureza?

Precisas de te educar física e moralmente e os desportos são um bom caminho para o conseguires. Dedica-te ao desporto, à ginástica; vê no teu colega não um adversário, mas sim um amigo que te procura para se divertir leal e proveitosamente; disciplina-te; faz-te homem. Os desportos não se criaram para os velhos, pois estes não os podem praticar, mas para ti, juventude, homens de amanhã. Portugal chama por ti e tu tens que responder à chamada, tens que gritar «Presente!», se queres ver o Portugal de ontem, o Portugal de hoje, ser o Portugal de amanhã. Tens que comparecer à chamada e não podes apresentar-te de mãos vazias, mas sim com uma boa preparação cultural, física e moral; tens que te apresentar forte e sadio. Prepara-te para a cha-

(Continua na 6.ª página)

D. Nuno Álvares Pereira

Quantos santos e heróis edificaram
As páginas da nossa bela História!
E os que por grandes feitos se tornaram
Senhores e servos da Honra e da Glória
São nosso exemplo, pois que triunfaram
Caminhando de vitória em vitória.

Cortando a densa névoa da morte obscura,
Brilha p'ra além dos séculos, fulgurante,
Como nas trevas duma noite escura
A viva luz dum facho deslumbrante,
A memória, presente e que será futura,
Daqueles cujo lema era: Avante!!!

É entre esses que se nota o ideal
Do cavaleiro valente e invencível,
Que envolto numa auréola irreal
Transpôs as muralhas do impossível,
E que vencendo na vida até final
Para sempre se tornou inesquecível.

D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável!
Nome que para nós é um sinal!
Entre Santos e Heróis é o mais notável,
É o maior de todos, sem igual!
Figura nobre, sublime e admirável,
De quem tanto se orgulha Portugal!!

LUIS FILIPE TAVARES MOURA E SILVA
(A.C.C.)

A JUVENTUDE COVILHANENSE PROTESTA

Ousaram os chefes do comunismo internacional levantar na Assembleia Geral da O.N.U. as mais infames e torpes aleivosias à nossa acção civilizadora no Ultramar.

As palavras do carrasco da Hungria causaram em todo o território português a mais justificada onda de indignação.

Todo o país protesta e todas as clases sociais acorreram, espontâneamente, a testemunhar, nesta hora grave, ao Governo da Nação, a sua solidariedade dedicada, o seu apoio incondicional, a sua confiança sem limites na competência de quem tão bem nos tem encaminhado por mares nem sempre calmos.

No dia 22 de Outubro, a Juventude da Covilhã manifestou-se na Praça do Município, afirmando, uma vez mais, o seu portuguesismo e honrando eloquentemente as tradições desta terra, berço de heróis e de santos.

Em nome do sr. Presidente da Câmara, recebeu a manifestação dos estudantes, nos Paços do Concelho, o Senhor José Roque da Costa Cabral, ilustre vereador da Câmara Municipal.

Representando todos os seus colegas, falaram a quintanista Maria Fernanda Tiago Frazão, o nosso colega José Jorge Pires Cameira, natural de Moçambique e o aluno do Colégio Moderno Vítor Boga.

Todos fizeram afirmação de vivo protesto pelas calúnias levantadas contra a integridade da nossa Pátria na O.N.U., organismo a princípio destinado à preservação da paz e tornado hoje, por culpa de muitos e desleixo de uns tantos, o mais escandaloso tablado da coscovilhice internacional. Manifestaram o seu vivo protesto, mas fizeram mais ainda: afirmaram a sua solidariedade sem reservas para com os Portugueses que mourejam no Ultramar, como na Metrópole, em boa paz, o seu pão quotidiano.

O Senhor José Roque, depois de ter felicitado a juventude covilhanense pela sua iniciativa, referiu-se, igualmente, aos motivos desta manifestação, afirmando calorosamente a sua fé na indivisibilidade da Pátria.

Durante a manifestação, uma chuvinha persistente e irritante começou a massacrar-nos sem clemência, mas nem chuva nem vento conseguiriam fazer diminuir o calor e o entusiasmo que a todos animava, que em todos vivia com fulgor.

Ao abandonarmos a Praça do Município, tínhamos a consciência tranquila por um dever cumprido, mas, mais ainda do que isso, animava-nos esta sensação de leveza que se sente apenas depois de ter dado livre curso à onda de excitação que, filha da nossa indignação, não só nos perturba o espírito, mas nos altera também os nervos. A nossa manifestação foi, afirmamo-lo sem reservas, um testemunho sincero do nosso estado de espírito, do nosso sentir.

«Chama» publica neste número as palavras dos alunos deste Liceu, Maria Fernanda Tiago Frazão e José Jorge Pires Cameira, representantes fiéis do sentir de todos nós.

Manuel Esteves
(C. B.)

MUITA CHUVA E MUITO ENTUSIASMO...

Fala um Moçambicano

Ex.mº Representante do Senhor Presidente da Câmara Municipal:

No momento em que toda a Nação vibra indignada pelas mentiras e infâmias que se levantaram na O. N. U., contra a nossa acção civilizadora, eu não posso calar o meu protesto nem deixar de afirmar a V. Ex.ª como estudante dos primeiros anos do Liceu e natural da província de Moçambique, que todos nós estamos unidos em volta da Bandeira da Pátria, prontos a correr todos os riscos para que ela perdure, como sempre, símbolo de um povo livre e honrado.

Nada nos separa, nada nos distingue e tudo nos une — une-nos uma civilização comum, a mesma fé, a mesma esperança, o mesmo espírito patriótico.

A juventude portuguesa está consciente da hora que passa e saberá responder aos ataques que nos visam, não por mentiras, mas proclamando a verdade. Essa verdade que nos invejam, pois ela fez de Portugal, num Mundo revolto, um oásis de paz.

E quem quiser falar com conhecimento da nossa vida ultramarina, que vá até às nossas províncias, que as percorra de lés-a-lés certo e seguro de que nessas paragens não encontrará a barrar-lhe o caminho cortinas de ferro.

Eu não sei fazer discursos, mas o que sei é afirmar a V. Ex.ª que a minha voz é a voz de toda a mocidade moçambicana, pronta a enfrentar todos os perigos para permanecer portuguesa.

VIVA PORTUGAL!

FALA UM ESTUDANTE DE MOÇAMBIQUE

Palavras de Maria Fernanda Frazão

Ex.mº Representante do Senhor Presidente da Câmara

Permita-me que eu, aluna do Liceu desta cidade, em nome das raparigas da Covilhã, diga a V. Ex.ª simples palavras que cheguem aos ouvidos das entidades superiores do País.

Nós hoje aqui estamos de mãos dadas, todos com o coração amargurado, porque, embora novos, já compreendemos o momento crítico que a nossa querida Nação atravessa.

Queremos, por isso, colaborar nas manifestações que se desenrolam pelo país de lés-a-lés, de indignação contra os vexames sofridos últimamente na O. N. U.

Num grito uníssono, desejamos ligar-nos aos outros estudantes que já se manifestaram, pois que há uma verdade que temos de sustentar, e é que o mar nunca fez nem fará fronteira entre nós e o Continente Africano. O mar, para os Portugueses, que o não temeram, em vez de separar só serve para unir e as quinas governarão as nossas terras de África, como as da Europa, até aos fins dos séculos.

Independência para os nossos territórios? Mas quê? Não são então independentes desde 1143? Mas o mundo não entende a realidade Portuguesa, justamente porque ela é única na História.

Temos de defender-nos, mas não será só preciso manifestações, que dão largas ao nosso espírito juvenil, sempre generoso nas horas de amargura.

Será preciso muita luta, muita persistência, tanta quanta os primeiros Afonsos tiveram para nos darem Portugal e o Infante teve para descobrir Mundos para o Mundo.

Será preciso pôr de parte todas as futilidades deste século e entregarmo-nos de corpo e alma a esta empresa.

Mas tenho esperança de que nós, a aurora de Portugal, o seu verde, nunca mais sofrerá a afronta de ver menosprezado o valor da Pátria, que nossos Pais nos deram.

Portugal tem de vencer.

A razão está de nosso lado!

Viva Portugal!

Maria Fernanda Tiago Frazão a representante das raparigas da Covilhã

Memórias do Cruzeiro Gago Coutinho

I — ANTES DE O AVIÃO PARTIR...

Parece mentira, mas é verdade. Todos os ensinamentos colhidos nessa jornada magnífica, quase se perderam por completo, uma vez que se continua esperando a criação dos Centros de Formação Ultramarina.

Quando em Outubro de 1959, o «Moçambique» atracou em Alcântara, dele saíram quatro dezenas de jovens, com o coração a arder na vontade de mostrar, por esses cantos da Metrópole, o que é e o que significa o Ultramar Português.

Essas vontades continuam, ainda, esperando algo que as reconheça e aproveite...

O tempo não espera e, correndo sempre, não perdoa a impassibilidade.

A mesa de um café encontraram-se dois dos rapazes que tiveram a dita de apreciar, de perto, problemas inerentes ao nosso existir como Nação.

Eu, sentado próximo, tudo escutei e senti-me envolvido no entusiasmo ardoroso que punham na conversa. Recordavam o cruzeiro que fizeram, reviviam momentos passados, comunicavam, um ao outro, algo daquele calor de que então ficaram possuídos.

Estou certo, amigos leitores, de que se estivésseis presentes, também não poderíeis alhear-vos ao que me foi dado escutar. Essa razão justifica o ter eu gravado na memória todas as belas imagens sonoras, bem eloquentes, de nitidez verdadeira, que nos transportavam aos locais onde se desenrolaram na realidade.

Agosto. Em Catalazete, modelar Centro de férias da nossa Organização, mesmo à beirinha do Tejo e não longe do local donde outrora Diogo Cão, Paulo Dias de Novais e tantos outros partiram para a execução do programa lusíada, reuniram-se quarenta e três graduados que iam iniciar a sua preparação para a demanda de terras angolanas.

Estudaram debruçados em livros e mapas e, sobretudo, escutaram com interesse a voz de quatro grandes mestres, cujas palavras jamais esquecerão—Profs. Adriano Moreira e Silva Cunha, Eng. Camilo de Mendonça, jornalista Dutra Faria... — encimam essa plêiade de estudiosos que dedicam a sua vida ao estudo dos problemas do Portugal de Além-Mar.

O dia da partida, 29 do mesmo mês, surgiu, enfim. Cada alma estava possuída de uma ansiedade que não podia esconder, nuns motivada só pelo desejo ardente de chegar em breve a Angola, noutros ajudada ainda pela emoção que a perspectiva de um baptismo de voo causava nos seus ânimos.

Jerónimos. Manhã de sol. Missa de Acção de Graças e uma voz que se ergue para os abençoar na sua patriótica Missão. As palavras foram profundas e ecoam ainda nos ouvidos dos jovens quando, à tarde, Sua Excelência o Senhor Ministro do Ultramar lhes entregou o Guião.

«A África chama por nós» enquadrava, em ideias, tudo o que a viagem simbolizava.

Marcha certa e cadenciada, passo firme e sereno, alegria no rosto e o coração cantando de alegria:

> «Outra vez vamos na rota
> Das primeiras caravelas...»

II — PRIMEIRAS IMPRESSÕES

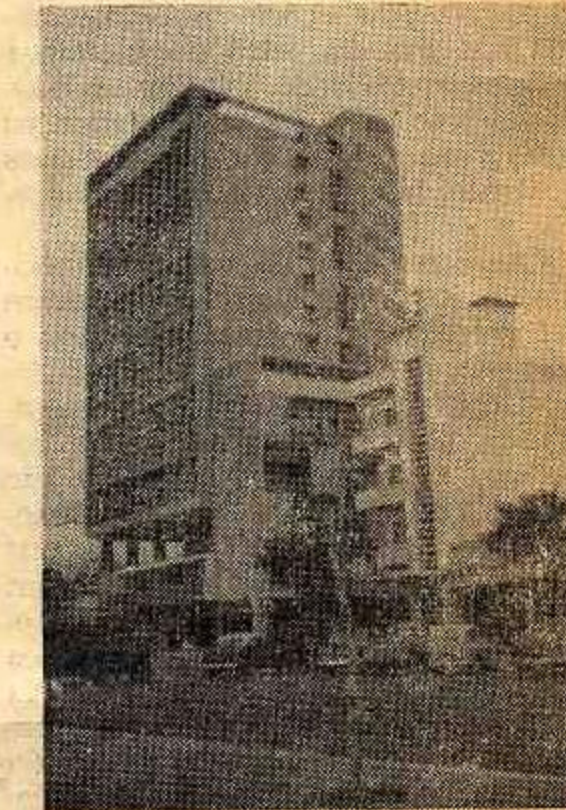
Amigos leitores, certamente que vós também fazeis ideia do que seja uma viagem num grande avião, tão longa como aquela que o Cruzeiro empreendeu. As emoções hão-de suceder-se: imaginai-vos à medida que as hélices abriam caminho no espaço, fazendo notar, muito em baixo, quão pequena é a obra humana comparada com a divina. A vós, que já sentistes o prazer de estardes mais junto do Criador, e olhardes para o Homem com um certo ar de superioridade, conheceis esse estado de espírito; a nós, que ainda não nos aventurámos a olhar de tão alto, deixa-nos a ilusão desse sonho.

Com isto, esquecemos por pouco os nossos amigos, que falavam ainda com o mesmo ardor e entusiasmo. Se vos não importais, continuamos a escutá-los:

— Recordo ainda a voz do piloto, quando, num grito de entusiasmo, qual primeiro descobridor, exclamava aos microfones: «Atenção, Senhores passageiros. Acabamos de atravessar a fronteira portuguesa; a partir deste momento sobrevoamos parte do nosso Portugal: dentro de meia hora, aterraremos em Angola.»

— A mim impressionou-me mais ainda quando, pouco depois, ele anunciou a aparição da capital angolana ante os nossos olhos. Foi um autêntico delírio. Todos nos debruçámos para as janelas, como se se nos deparasse uma visão maravilhosa. Alguém então disse que nos tínhamos enganado no caminho e voltávamos a voar por cima de Lisboa!

— É verdade. A mim também me pareceu inacreditável. Temos uma ideia tão errada do que é a Africa, que ficámos extasiados com o que se nos deparou. A diferença das outras cidades onde poisámos, nomeadamente Leopoldville, era demasiado notória. Aquela terra era toda portuguesa.

— Olha, se queres que te diga, estava tão em sonho que nem dei por termos aterrado e, quando voltei a mim, já cá estava fora. A realidade era traduzida por estas palavras «Aeroporto Craveiro Lopes — Luanda».

— E que recepção! Só faltou a T.V. e isso porque ela ainda lá não existe.

— Se te parece! Um português, onde quer que esteja, nunca esquece o que é a hospitalidade!

Amigos leitores, neste momento acabo de apanhar uma valente palmada nas costas, e um grito chega-me aos ouvidos:

— Eh, pá! Então como vai isso?

A minha frente, o calmeirão do José Manel. Vocês não o conhecem, e ainda bem, pois ele é deveras aborrecido. Como achou que

(Continua na 6.ª página)

Luanda progride

O Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar falando com os graduados do Cruzeiro

Memórias do cruzeiro Gago Coutinho

(Continuação da 5.ª página)

eu estava só, resolveu sentar-se à minha mesa, e começou a falar. Para vos ser franco, eu não liguei nenhuma ao que ele disse, ainda que tivesse incorrido numa falta de cortesia. Porém, considero-me desculpado, pois a minha intenção era ùnicamente para vosso bem. Não agradeçam, porque eu sou muito modesto.

Tenho de resumir o que a seguir se passou, pedindo desculpa de não o relatar na íntegra, mas o culpado foi o Zé Manel.

No dia seguinte apresentaram cumprimentos às autoridades locais. Em Lisboa, tinham recebido a palavra de ordem por intermédio dos Srs. Ministro do Ultramar e Subsecretário de Estado da Educação Nacional; agora recebiam as boas vindas, bem como mensagens de amizade e de esperança nos destinos da Pátria.

Conforme é já do vosso conhecimento, os nossos amigos ficaram verdadeiramente encantados com o que viram e nós, para satisfazer a curiosidade de muitos, apresentámos, para ilustrar as nossas palavras, a imagem fotográfica de um dos muitíssimos prédios Luandenses. Segundo as palavras por eles proferidas, só se convenceram que estavam em Africa quando foram visitar a «Tentativa». Todos vós sabeis o que representa aquela palavra. Ela é um símbolo, na medida em que representa a luta do Homem com a Natureza. A «Tentativa» é uma das mais importantes fazendas da cana sacarina. O certo é que, para eles, representava muito mais, pois tinha-lhes posto à frente, pela primeira vez, um pouco de paisagem angolana; fizera-os crer que, na realidade, a Europa se encontrava a muitas centenas de quilómetros de distância, e que o nosso Portugal é muito mais do que o que por cá se pensa.

A estrada estendia-se por entre alas de coqueiros, onde centenas de macacos, soltando de ramo em ramo, em gritos alegres, saudavam a caravana.

Foi naquela altura que o efectivo do cruzeiro foi aumentado com um elemento: o Vicente. Pois é verdade, amigos leitores, por dez escudos apenas adquiriram um pequeno saguí, que desde aquele momento passou a ser a mascote, ou melhor, o segundo comandante.

Acompanhando os rapazes por toda a parte, conseguiu chegar a Lisboa, onde vive, ainda que tenha sido preciso iludir a vigilância da Alfândega. Em virtude do alto cargo, foi promovido ao posto de Comandante de Falange.

Quem não gostou da brincadeira foi o então C. B. Calheiros, pois o cargo pertencia-lhe a ele.

Porém, hoje já lhe deve ter passado.

Em virtude da pouca idade do Vicente, —quinze dias de idade—, foi-lhe arranjada uma ama, que suportou heròicamente a tarefa para que foi incumbida. Calculem que o Silveira Ramos, além de ter arranjado cama própria para o bébé, andava sempre com o biberon a tiracolo...

Chegados novamente a Luanda, prestaram homenagem a Salvador Correia de Sá e a Paulo Dias de Novais.

A noite, no Hotel Império, um dos locais onde os participantes do Cruzeiro estavam hospedados, todos se reuniram para escutarem a palavra do Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar, Dr. Sócrates da Costa que, tendo-os acompanhado desde Lisboa, voltava então à Metrópole. Ninguém pensou ser aquela a última vez que ele falava à Juventude, uma vez que, tempos depois, falecia em Nova Iorque, quando representava Portugal junto da O.N.U. A sua morte foi muito sentida por todos, pois ele havia sido o grande obreiro que tornara possível a realização daquela magnífica jornada.

—Olha, pá, vou-me embora, pois estou farto de estar a falar e tu não me ligas boia.

—Deixa-te estar, Zé, que já vamos os dois.

—Então queres que eu esteja para aqui a pregar? Não, filho, não tenho cara de Santo António. Adeus. Quando estiveres melhor aparece ou telefona. Por agora, deixo-te com os teus pensamentos.

N'GOLA

(Continua no próximo número)

VIDA DO CENTRO

CHEFES DE SECÇÃO

Pelo Director de Centro foram nomeados os seguintes chefes de secção:

Secretaria — C. C. Jorge da Conceição Ferreira

Cultural — C. C. Paulo Pais Nunes Proença

Camaradagem — C. C. José Orlando Pereira de Carvalho

Saúde — A. C. C. Agostinho António Roseta dos Reis

Tesouraria — A. C. C. Rui Cavaca Marcos

Desportos — A. C. C. João Manuel Martinho

Material — A. C. C. João Manuel Martinho

CONSELHOS DE INSTRUÇÃO

O Director de Centro aprovou a seguinte constituição do Conselho de instrução:

A. Q. G. João Manuel Leite de Castro

A. I. José da Graça Bordadágua

Arquit. Fernando Manuel de Abreu Proença

C. B. Manuel da Silva Esteves

C. C. Paulo Pais Nunes Proença

C. C. José Orlando Pereira de Carvalho

C. C. Jorge da Conceição Ferreira

A. C. C. João Manuel de Oliveira Martinho

A. C. C. Agostinho Roseta Reis

A. C. C. Rui Cavaca Marcos

EQUIPA DE REPORTAGEM

A quina de reportagem que funcionou neste Centro durante os anos lectivos anteriores foi este ano, em virtude do aparecimento do jornal «Chama», substituída por uma equipa de reportagem abrangendo, assim, mais elementos.

O C. B. Manuel da Silva Esteves, chefe da redacção da «Chama», será o orientador desta equipa, tendo sido aprovada a sua proposta para a nomeação dos seguintes filiados como seus mais directos colaboradores:

Redactores:

C. C. Paulo Pais Nunes Proença

A. C. C. João Rosa Lã

Filiado José Alberto Campos Mouta

Filiado Luís António Cerdeira Grancho

DESENHADORES E FOTÓGRAFOS

C. Q. Luís Plácido Garcia

Filiado António Teles André

QUINA DE JORNAL DE PAREDE

O Director de Centro aprovou a proposta do C.C. Paulo Pais Nunes Proença, chefe da secção cultural, para a constituição da quina do jornal de Parede:

Chefe da quina — A. C. C. Fernando Jorge Ponces Carvalho

A.C. C. João António Esgalhado de Oliveira

A. C. C. António Joaquim A. Pimentel Tavares

A. C. C. João José Mendes Peres

A. C. C. João Manuel Vicente Gil Barreiros

BIBLIOTECARIOS

O Director de Centro nomeou bibliotecários:

1.º bibliotecário—C. C. Paulo Pais Nunes Proença

2.º bibliotecário—A. C. C. Rui Tavares Soares

AGRADECIMENTO

O Director Adjunto mandou que se desse público agradecimento ao C. C. Paulo Pais Nunes Proença pelo seu trabalho durante as férias e dedicada colaboração com que acompanhou durante esse período a vida do Centro.

IV CICLO DE PALESTRAS CORPORATIVAS

O IV Ciclo de palestras corporativas realizado por este Centro é este ano dirigido pelo Dr. José Casinha Nova.

Na sessão inaugural deste ciclo, a que presidirá o Dr. Fernando Rui Corte Real e Amaral, Delegado do I.N.T.P. no distrito de Castelo Branco, o Dr. Casinha Nova versará o tema «A Revolução Corporativa».

PORTUGAL UNO

(Continuação da 3.ª página)

mente na O.N.U., que os Portugueses de além mar vivem sob a escravidão, havendo constantes massacres.

Perante todas as mentiras e calúnias proferidas contra o nosso querido Portugal na O.N.U. pelos chefes comunistas, nós, Portugueses, não podíamos ficar de braços cruzados porque isso seria concordar com eles. E então, para lhes mostrarmos que somos unos, indivisíveis e que não admitimos a interferência de estrangeiros em problemas que só dizem respeito a Portugal e para darmos o nosso apoio ao Chefe de Estado e ao Presidente do Conselho, na resolução dos problemas que afrontam Portugal, temos levado a efeito numerosas manifestações de acendrado patriotismo que se têm realizado não só na Metrópole mas também no nosso querido e imperturbável ultramar, facto este que, só por si, prova que os nossos irmãos de além mar estão connosco e que não querem deixar de ser Portugueses como o querem o sr. Kruschev e outros chefes comunistas.

Agora, só esperamos que aqueles que nos querem dividir vejam, por intermédio destas grandiosas manifestações, que nós somos realmente unos e indivisíveis. Se não o virem ou se não o quiserem ver e se nos tentarem dividir pela força das armas, nós não voltaremos as costas ao perigo e defender-nos-emos pelas armas. E se tivermos de pegar em armas para nos defendermos, isso já não é uma novidade para nós, porque ainda há bem pouco tempo, em 1954, tentando os indianos do sr. Nehru, roubar-nos a nossa maravilhosa Índia Portuguesa, tanto os Portugueses naturais de lá como os da Metrópole não hesitaram em pegar em armas para defender a integridade do território português. E foi durante essas jornadas de aflição para Portugal, porque estava em causa a vida de alguns dos seus filhos, que morreu o jovem mas valente Aniceto do Rosário que pertencia à Mocidade Portuguesa.

Aqui temos, rapazes da M. P., em Aniceto do Rosário um exemplo a seguir. Penso que não podeis ter melhor modelo para seguir do que este que morreu em defesa do solo pátrio.

Todos nós, quer sejamos da Mocidade Portuguesa quer não, mas especialmente os primeiros, devemos estar dispostos a dar a própria vida pela nossa Pátria, porque temos todos o dever de honrar e prestigiar o nome da Organização a que pertencemos e sobretudo o nome de Portugal.

Nós, Portugueses, podemos orgulhar-nos da conduta de Portugal, que neste momento, perante um mundo conturbado e frouxo, dá um exemplo único de firmeza.

Luís Manuel Curto
(C. C.)

DESPORTOS E JUVENTUDE

(Continuação da 3.ª página)

mada, pois ela pode surgir dum momento para o outro. Educa-te portanto. Que o teu guia, o teu auxiliar sejam os bons desportos e amanhã verás que não erraste.

Joaquim Baptista
(C. G.)

A M. P. E A M. P. F.

Declarações da Subdelegada Regional da Covilhã

Por entendermos que seria do mais vivo interesse ouvir a senhora D. Judite Fitas, Directora do Centro Escolar n.º 1 da M.P.F. desde 1939 e Subdelegada Regional a partir de Novembro de 1947, procurámos Sua Ex.ª, que nos recebeu com a sua proverbial gentileza.

Professora dedicadíssima e Dirigente que à M.P.F. tem consagrado, ao longo de tantos anos, o seu maior carinho e desvelo, a senhora D. Judite Fitas, apesar dos seus muitos trabalhos docentes e das ocupações derivadas da Direcção da Subdelegacia, encontrou ainda tempo para nos atender, interessando-se minuciosamente pelo nosso plano de actividades previsto para o ano corrente.

Era sobretudo acerca do problema das relações entre os dois Centros deste Liceu que me interessava ouvir a sua opinião esclarecida, bem como saber o que pensava Sua Ex.ª sobre a juventude de hoje.

Comecei, por isso, por perguntar à Subdelegada Regional da M.P.F.:

—Como dirigente da M.P.F., que pensa V. Ex.ª, minha senhora, daquilo a que já é comum chamar crise da Juventude de hoje?

— Fala-se muito da crise da Juventude. Mais do que o labor que se exige à Mocidade — referimo-nos à Mocidade Escolar — é verdade que a vida actual absorve totalmente o tempo de todos nós e as solicitações de hoje estão também na base dessa crise. No entanto, ela amenizar-se-ia um pouco se nós, que temos sobre os nossos ombros a grave responsabilidade de professores, pudéssemos acompanhar mais de perto os rapazes e raparigas que tanto necessitam da nossa atenção e dos nossos conselhos.

Portanto, talvez que uma parte da chamada «crise» resulte de nós próprias não podermos, por um sem número de circunstâncias, ser mais educadoras além de professoras.

— Acha que essa crise seja apanágio dos nossos tempos ou que, pelo contrário, em todas as épocas houve uma crise de gerações?

— Estou convencida de que sempre houve mais ou menos crise, mas presentemente, ela acentuou-se por motivos da evolução dos tempos que nos obriga a uma vida intensa e ao mesmo tempo saltitante e de actividades dispersas.

— Visto que raparigas e rapazes constituem, em conjunto, a juventude, e nunca, como hoje, foi tão necessária uma conjugação de esforços na luta por um ideal que norteie a nova geração, não acha V. Ex.ª que a colaboração entre filiados e filiadas da M.P. deva ser cada vez mais fomentada?

— Considero da maior utilidade que os filiados da Mocidade Feminina e Masculina colaborem entre si nas actividades da M.P., e, até mesmo noutras, mas é indispensável que essa colaboração seja convenientemente orientada, num sentido não apenas benéfico para as Organizações ou entidades que servem, mas, especialmente, para os próprios rapazes e raparigas, cujo convívio, nestas condições, lhes traz vantagens de ordem vária.

— No sentido de uma colaboração cada vez mais estreita entre a M.P. e a M.P.F., quais as actividades que V. Ex.ª considera mais capazes de unir rapazes e raparigas nesse esforço comum?

— Considero que a M.P. e a M.P.F. poderiam colaborar estreitamente em obras culturais, de beneficência, festas, etc.

— Entende V. Ex.ª que a «Chama» venha preencher a lacuna que já se sentia como consequência do desenvolvimento cultural dos dois Centros do nosso Liceu?

— O jornal «Chama», editado, com tanta felicidade, pelo Centro Escolar do Liceu da Covilhã, pode conduzir à verificação da colaboração de que acabámos de falar e irá fazer mesmo desabrocharem algumas vocações, contribuindo, assim, para o desenvolvimento cultural dos dois Centros do nosso Liceu.

— Como Mãe de um arvorado do Centro, poderá ainda dizer-nos V. Ex.ª qualquer coisa sobre a influência da M.P. no plano educativo que se reflicta na vida familiar dum filiado?

— Sem dúvida que um bom filiado, cumpridor dos seus deveres e que tem sempre presentes os conselhos e ensinamentos dos seus Dirigentes, há-de, forçosamente, fazer notar, no meio em que viva, essa preparação. Conheço alguns que, por esse motivo, têm uma conduta notável.

Quanto ao arvorado em referência, não pode servir de exemplo, pois tem cumprido mal. Por estes não nos podemos guiar, pois constituem excepção que vem justificar a regra...

Bastantes mais perguntas tínhamos a fazer, mas não quisemos abusar da paciência e bondade da sr.ª D. Judite Fitas, pois bem sabemos do pouco tempo de que dispõe.

Fazemos sinceros votos de que venham a realizar-se todas as justas aspirações que desde há tanto têm sido o verdadeiro timbre do fim para que se tem orientado toda a prodigiosa actividade pedagógica e circum-escolar da ilustre Subdelegada e nossa querida professora.

Manuel da Silva Esteves
(C. B.)

A Subdelegada Regional da M.P.F. fala para a «Chama»

RUMO AO CAMPO

A arte de viver ao ar livre passando a noite debaixo dum abrigo desmontável, a tenda — foi assim que Loiseau definiu o campismo puro.

Desde a sua fundação que na M. P. se pratica esta actividade.

Mas não se trata do campismo de Loiseau o que nós praticamos. O nosso campismo tem características muito nossas e que estão patentes no espírito da campanha «Rumo ao Campo».

Com esta campanha a M. P. pretende tirar os filiados das atmosferas viciadas dos cafés e salas de cinema e pô-los em contacto com as maravilhas que a Natureza todos os dias lhes revela.

Levar a juventude para o ar livre, quer seja na praia, na lezíria ou na montanha, aonde vai buscar uma vontade forte e uma personalidade sã — eis o nosso intento.

Que diferença tão grande existe entre um grupo de rapazes que, rumo ao campo, galgam montanhas, atravessam rios e planícies a marchar, cantando e rindo, e comem do pão trigueiro, bebem da água cristalina dos ribeiros e têm coragem para enfrentar a chuva e o vento, o sol e a poeira, se os compararmos com outro grupo de «rapazes» que passam a vida deambulando pelos salões de dança e cafés, pelas vielas estreitas e escuras, fumando uma mísera ponta de cigarro e envoltos em pensamentos tristes e mesquinhos.

Nos primeiros iremos encontrar uma alegria de viver sem limites. Olhando a vida com optimismo e um sorriso nos lábios, não temem as barreiras que se lhes possam deparar no caminho. É uma mocidade forte e sadia animada por esse maravilhoso espírito da M. P., com o qual sabemos o que queremos e para onde vamos.

Nos segundos é um desinteresse total pela vida o que os caracteriza. Olham tudo e todos como se fossem barreiras intransponíveis que os amedrontam e fazem recuar, desorientando-os por completo.

É uma «juventude» de velhos alquebrados, arruinada e sem força para alguma coisa. Dominada por mistérios e intrigas, vive morrendo, pronta a ser levada pelo primeiro que lhe aparecer na frente.

Com a campanha «Rumo ao Campo» a M. P. pretende tornar os primeiros mais e melhores e fazer que os segundos se afastem do caminho que os leva direito ao abismo em que acabarão por cair, se não caíram já.

Portanto, que todos os rapazes da M. P. saibam lançar-se para o campo à procura da aventura e de novos horizontes e que procurem trazer até nós aqueles que nos desconhecem e ignoram o que é o verdadeiro espírito da M. P., e que, do Minho a Timor, no Ramelau ou na Estrela, nas lezírias do Ribatejo ou nas florestas da Guiné e nas margens do Tejo ou do Zambeze, se levantem altivas e orgulhosas as nossas «cidades de lona» a afirmar ao Mundo que a juventude portuguesa alerta está.

Paulo Proença
(C. C.)

Jogos Florais do natal

Superiormente orientado pelo Dr. Abrantes da Cunha, Director de Centro e Reitor deste Liceu, realizar-se-á um Concurso de Jogos Florais sob o Tema do Natal.

A Direcção do Centro convida todos os alunos a darem a sua colaboração a fim de que este ano se atinja ainda um nível superior ao dos anos anteriores.

«Chama» publicará no próximo número os trabalhos que obtiverem melhor classificação e desde já dá a esta iniciativa do Director de Centro todo o apoio que merece.

FALTA DE ESPAÇO

Por falta de espaço não podemos publicar muito original recebido, do que pedimos desculpa.

A LIÇÃO DE NUN' ÁLVARES

Ao folhearmos as páginas da História, encontramos, por vezes, em determinados homens, a incarnação da sua época, da sua mentalidade, do seu sentir, enquanto outros, esses mais raros, resumem em si a alma nacional, as mais altas aspirações dum povo. Os primeiros são temporais, morrem com o fim da sociedade em que se movimentaram; os segundos vencem o tempo e persistem para além da morte bem vivos e actuais.

Nun'Álvares Pereira pertence a estes — o chefe da juventude que cercava o Mestre é hoje Patrono Nacional da Mocidade Portuguesa. Agora, como então, os jovens de Portugal levantam para o Condestável os seus olhares, esperando ouvir a palavra de ordem, palavra que brota clara, imediata e pronta do exemplo da sua vida totalmente consagrada a Deus e à Pátria.

A legitimidade dinástica estava com D. Beatriz e assim o entenderam os Grandes do Reino, fiéis ao juramento de Salvaterra de Magos.

A Nobreza, por lealdade ao seu Rei e no cumprimento da palavra dada, está ao lado da filha de D. Fernando e no Arraial Castelhano são figuras destacadas dois irmãos de Nun'Álvares.

Mas a este nada o demove, nada o faz desviar da Causa que abraçara mesmo que para isso tivesse de lutar contra os seus mais próximos parentes e queridos amigos .Com ele, com os bravos da sua geração, desponta um ideal novo, uma razão mais dinâmica a opor-se vitoriosa à força de Castela.

Ao sentimento de legitimidade contrapôs Nun'Álvares o interesse nacional.

Portugal é, já, uma Nação unida por um passado que não quer relegar, por aspirações que não deseja ver sacrificadas.

Nun'Álvares, incarnação magnífica desse sentimento, soube levar os Portugueses de então à vitória em Aljubarrota e Valverde.

A Pátria estava salva; a Nação podia agora cumprir a sua missão evangelizadora.

Hoje, que, como em 1385, há inimigos na fronteira, há hostes aguerridas que se levantam contra a soberania portuguesa, temos mister de cerrar fileiras em defesa da Pátria amada.

Hoje, como outrora, é bem actual a lição do Condestável. A Mocidade Portuguesa não será alheia ao seu exemplo e, guiada por aquele que mais do que nenhum merece ser chamado o Capitão de Portugal, aguarda confiada o futuro, certa da sua razão e da sua vitória.

Manuel da Silva Esteves

(C. B.)

ABERTURA DAS ACTIVIDADES

O Director do Centro no uso da palavra

No dia 15 de Outubro realizou-se a abertura solene das actividades deste Centro.

Pelas 14.30 horas o Dr. José Abrantes da Cunha, Reitor do Liceu e Director do Centro, e a senhora D. Judite Fitas, Subdelegada Regional da M. P. F. e Directora do Centro n.º 1, receberam cumprimentos na Reitoria do A. Q. G. Leite de Castro, do comandante de Centro C. B. Manuel da Silva Esteves e dos chefes de secção.

Em nome dos graduados, o comandante de Centro ofereceu ao Reitor um galhardete reproduzindo a Bandeira de Nuno Álvares Pereira.

O Dr. José Abrantes da Cunha, em nome próprio e no da senhora D. Judite Fitas, agradeceu.

Seguidamente teve lugar uma sessão solene no ginásio do Liceu a que presidiu o Director do Centro, ladeado pela Subdelegada Regional, pelo Padre José Baptista Fernandes, Assistente Eclesiástico, A. Q. G. Leite de Castro e Comandante de Centro.

Depois de lidos os Preceitos do Bom Filiado e a Ordem de Serviço n.º 1, usou da palavra o C. B. Manuel da Silva Esteves que, depois de saudar os Dirigentes presentes, dirigiu aos novos graduados uma breve saudação.

Depois de se referir às Comemorações Henriquinas, fez ainda breves considerações sobre o binómio Dirigente-Graduado, o que considerou mais do que nunca necessário para o desenvolvimento da nossa Organização.

Seguidamente, o A. Q. G. M. Leite de Castro fez a apresentação dos novos graduados para quem teve palavras de estímulo, pedindo-lhes que em quaisquer circunstâncias nunca trocassem o nobre ideal de *servir* pela traição de servir-se. Apontou-lhes as dificuldades que por vezes se erguem no caminho de quem, tendo abraçado um ideal, tudo lhe sacrifica. Em dado momento, afirmou: «Servir não é agradar; é, muitas vezes, desagradar. É ver as mais nobres intenções deturpadas, é conhecer a ingratidão, mas ao mesmo tempo ter a satisfação dum dever cumprido e a paz da consciência». Depois de se ter referido ao grande Afonso de Albuquerque, alto exemplo de Soldado e de Português, lembrou a todos os filiados os altos conceitos que se podem tirar da sua vida e acção nobilíssima.

Falou em seguida o Director de Centro, Dr. Abrantes da Cunha.

Depois de ter agradecido ao Comando a colaboração, abordou a urgente necessidade de renovar o Corpo de Graduados do Centro, presentemente muito reduzido, em virtude de nos últimos dois anos terem sido transferidos para Liceus com o 3.º ciclo 2 comandantes de Bandeira, 2 comandantes de grupo e 6 comandantes de castelo.

Referiu-se, ainda, à publicação do nosso jornal que espera venha a transformar-se em breve num verdadeiro órgão do Liceu, aberto à colaboração de todos os alunos.

Antes de terminar, o Dr. José Abrantes da Cunha chamou a atenção para o momento actual do Ultramar Português e propôs que fossem enviados dois telegramas, um ao Senhor Ministro da Educação Nacional e outro ao nosso Comissário Nacional, verberando as injuriosas afirmações de que temos sido alvo por parte dos países comunistas na Assembleia das Nações Unidas, proposta que toda a assistência aprovou e aplaudiu com uma grande e prolongada salva de palmas.

Assistiu a esta sessão, além do Corpo Docente e de muitas famílias de alunos, o C. B. Vítor Boga, comandante da Divisão de Castelo Branco, o C. G. Joaquim Alves Baptista, primeiro comandante deste Centro, e os antigos graduados C. C. Luís Filipe Bonina e C. C. Luís Manuel Curto. A sua presença entre nós foi uma das notas mais simpáticas a assinalar esta abertura solene das actividades do nosso Centro.

O Comandante de Centro fala aos novos filiados

A sessão, que tinha aberto com a Marcha da M. P., foi encerrada com o Hino Nacional cantado em coro por toda a assistência.

Paulo Proença

(C. C.)

Leitura da Ordem de Serviço N.º 1

1.º número da "CHAMA"

Além do grande número de pessoas que de qualquer modo nos endereçaram os seus aplausos pelo aparecimento do nosso jornal, referiram-se-nos com palavras que muito nos sensibilizaram e nos servem sobretudo de incentivo para prosseguir, a Emissora Nacional (E.R.C.), «Jornal do Fundão», «Diário de Coimbra» e «Voz de Lamego».

Permuta

Honrou-nos com a sua permuta o jornal «Estrela Polar», boletim mensal do Seminário de Lamego.